A (auto)narrativa como instrumento de (auto)formação para o trabalho docente dentro do colégio Tiradentes da brigada militar de Santa Maria

Tatiana Teixeira dos Santos - Unisc
Cheron Zanini Moretti- Unisc

Eixo temático: Protagonismo responsável ao trabalho

Este artigo é resultado de uma dissertação de mestrado realizado em 2018, é o objetivo desse estudo foi identificar como as experiências (auto)formativas contribuem no trabalho docente dentro do Colégio Tiradentes da Brigada Militar de Santa Maria. Os sujeitos participantes da pesquisa foram sete educadoras do Colégio Tiradentes da Brigada Militar de Santa Maria, com idade entre 25 a 54 anos. Os instrumentos de coleta de dados, foram utilizados: memoriais com ênfase nas (auto)narrativas, observações, diário de campo e entrevistas semiestruturadas,

As (auto)narrativas têm a capacidade de rememorar as lembranças, como Josso sabiamente comenta (2006, p.378): "as lições apreendidas desse processo articulam-se com o presente e o passado". Também fala Catani (2003, p. 153);

> (...) os sujeitos criam uma imagem de si próprios que constitui uma instância da realidade relativa à sua maneira de representar a própria existência, sobretudo a tocante as escolhas efetuadas no decorrer da vida e aos valores que cultuaram em sua prática docente.

Na busca pelas suas memórias, as docentes do CTBM operacionalizam uma seleção das experiências intensas que viveram, sejam essas na vida pessoal, que direta ou indiretamente contribui para a sua trajetória profissional, e com isso dão sentido às (auto)narrativas. A partir disso recorro a Bastos (2003, p.179), pois ao

> escrever/ler memoriais possibilita a pratica educativa na perspectiva de que a vida é o lugar da educação e a história de vida o terreno sobre o qual se constrói a formação(...) um processo diacrônico de mundo, de leitura do processo de construção de si (Grifo da autora).

O reencontro dessa memória é um ponto crucial na escrita da história das mulheres, mulheres docentes, embora essas ainda permaneçam como um grupo em que o processo histórico ainda tenha resistência em discutir, mas que na atualidade se amplia com rapidez. A revisitação da memória é uma questão fundamental na escrita da história das mulheres, da história dessas docentes, ainda mais porque elas ainda permanecem como um grupo com pouco destaque da sociedade.

DESENVOLVIMENTO

As (auto)narrativas que nesse texto são abordadas também como memoriais, são para Bastos (2003, p.169), "um escrito em que alguém conta e reflete sobre a sua vida, dependendo

do grau de implicação de cada participante, do desejo e da capacidade de fazer memória da sua vida e significar vivências".

Dessa maneira, tornam-se valorosas fontes de informação e contribuem para as pesquisas no âmbito da história e atualmente na educação, proporcionando discussões que corroboram de forma diferente com a vivência de cada docente, como bem diz Saveli (2006, p. 96),

> ... o memorial é um exercício de escrita em que o narrador busca traçar uma versão longitudinal de si mesmo; este exercício poderá possibilitar aos professores(as) debaterem-se com dilemas pessoais e profissionais em que é possível transparecer pontos de tensões e conflitos que se manifestam ao deixar aflorar os sentimentos, as angústias, as frustrações, os desejos, a esperança.

Os memoriais, de acordo com a autora, mostram-se como a rememoração das suas experiências, das suas vivências dentro e fora da prática docente, pois não há como não considerar a vida pessoal desvinculada da sua prática educativa. Para Ricouer (1991), a ideia de processo constante de ressignificação, potencializado pela verdade atribuída a cada participante, no momento da escrita do memorial, está entrelaçada às suas experiências significativas.

Segundo Bastos (2003, p. 172);

> A formação não se constrói por acumulação, mas sim por meio de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso, é tão importante investir na pessoa e dar estatuto ao saber da experiência. Produzir a sua vida é também produzir a sua profissão.

A visão de mundo apresentada por cada uma das educadoras, as suas experiências que são legitimamente ancoradas em valores, costumes, crenças, as pessoas com as quais conviveram, ou seja, o que pode e deve ser dito e também o que deve ser omitido, dentro da realidade a qual vivenciam, são expressadas em suas (auto)narrativas.

As relações que se têm ao longo da história de vida também marcam as experiências, pois não há como desvincular o processo de socialização com o processo de aprendizagem. Já dizia Dominicé (2014, p.81): "aquilo que cada um se torna é atravessado pela presença de todos aqueles de que se recorda." Nos registros das participantes também há menção:

> [...]eu lembro muito da minha professora [...], um das minhas professoras [...]ela com um paciência e habilidade incrível ela reexplicava[...], essa é minha referência que eu tenho na minha graduação da paciência e sei lá é dom ou habilidade de reexplicar (Educadora B).
>
> Até hoje quando eu vou preparar aula, eu sempre lembro assim como aquela professora trabalhou esse assunto, ou fico imaginando como ela faria hoje para levar esse tema, essa aula para torná-la mais chamativa, que eu gostei daquela aula dela que me fez aprender com maior facilidade (Educadora k)".
>
> "eu gostava bastante e de tanto ela me incentivar, talvez eu não tivesse jeito mas eu não queria decepcioná-la e eu estava sempre além, como a gente vê como é importante o elogio para o aluno (Educadora N).

Entende-se que são as relações sociais que acabam sendo determinantes nas escolhas, as referências usadas, quer tenham vínculos familiares ou não, contribuíram para tornar-se a

educadora que se é na atualidade, mas principalmente aqueles vínculos que são afetivos.

As emoções tornam-se significativas dentro do processo de (auto)formação, porque de alguma maneira são elas que movimentam o desejo pela mudança. através do processo de significação que a memória discursiva é acionada, trazendo à tona lembranças de tudo que foi dito, vivido em algum lugar ou momento mesmo distantes. Isso tudo tem efeitos sobre o significado do que dito pelos sujeitos, pois as experiências marcadas por ideologias e relações de poder apresentam em sua materialidade os efeitos que atingem os sujeitos, apesar das suas vontades (ORLANDI, 2003).

RESULTADOS OBTIDOS

Devido à convivência das participantes da pesquisa, algumas delas com amizade longa (mais de 5 anos), isto, poderia em algum momento, uma ou outra, interferir nas suas vivências e experiências na prática docente. Assim, reforça Josso (2010, p.205): "a autenticidade da narrativa reside mais na pertinência das escolhas operadas em função da orientação dada à narração do que na sua exaustividade."

Sobre isso, Halbwachs, (2013, p. 72), fala que "o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente"; ou seja, não é algo isolado, pois há muitos fatores que colaboram para a memória, dentre eles o ambiente.

Com relação ao processo construtivo que se dava ao longo da trajetória de vida e, consequentemente, o conhecimento gerado por tais eventos, afirma Josso (2010, p.236): "construir-se formando-se, formar-se construindo-se, produzir conhecimento para criar sentido, produzir sentido para criar conhecimento." Um está relacionado ao outro e é impossível desvinculá-los, pois a reflexão que é produzida, à medida que se constrói a (auto)formação, torna-se um círculo vicioso de conhecimento. Assim constata-se também pelas narrativas das educadoras:

> eu acho que a prática pedagógica, conforme a tua experiência, o exercício da humidade faz bem para todo mundo, não deu certo então eu posso fazer e outra forma, todo o dia tu está aprendendo outra prática diferenciada. (Educadora N).
>
> [...] busquei em mim mesma aquela que aprendia ensinando (Educadora M).
>
> [...]tento reinventar cada aula pensando na melhor maneira, mas não é fácil de repassar o meu conhecimento (Educadora K).
>
> Acho que a gente tem que estar aprendendo, sempre engatinhando, não estamos construída, eu acho, a gente pode estar se aposentando mas acho que cada sala de aula é uma inovação.(Educadora B).

O ato da (auto)formação só ocorre através do "tempo de realizar uma tomada de consciência e de fazer um trabalho de integração e de subordinação, que pode levar alguns minutos, algumas semanas, alguns meses, alguns anos ou até mesmo uma vida inteira" (JOSSO, 2010, p. 237).

Sabe-se que o tempo é um requisito determinante dentro do processo (auto)formativo por que esse ocorre quando há tempo livre; porém, nem todo o tempo livre é considerado educativo e produtivo. De acordo com Pineau (2014, p.92), "' uma luta árdua de sobrevivência em todos os instantes e lugares não pode ser ligada unilateralmente a tempos livres que não são automaticamente tempos educativos."

Esse tempo determinado/sugerido/espontâneo para a (auto) formação ocorre no período da noite que é dividido, ainda mais para as mulheres, com a tripla ou quádrupla jornada exercida (PINEAU, 2014, p. 92), pois "a noite é o tempo forte da autoformação, por ser o tempo morto da heteroformação[1]", é o tempo que estamos livres da interferência do outro no processo educativo-reflexivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, o tempo de que se trata não é apenas o registro de tempo, mas o tempo biológico. Essa reflexão, necessária para que aconteça o processo (auto)formativo, ocorre na fase adulta, em que as inquietações da adolescência já passaram, novos questionamentos surgem, salientando-se que as sujeitas da pesquisa são mulheres adultas com instabilidade financeira e emocional, oscilando diariamente num universo de interrogações. Como bem fala Pineau (2014, p. 98): "a vida adulta não é tão linear (...)", pois há muito mais que se discutir na vida adulta do que no fervor emocional da adolescência, quando ocorrem as escolhas profissionais.

Na ocorrência da ação (auto)formativa, há uma tríade que movimenta essa ação e tem por base a história de vida da educadora, sendo uma das suas arestas a regulação, quando estas concentram e reordenam as suas vivências, e a construção da experiência, harmonizando e unificando para que haja a construção da (auto)formação.

Alguns questionamentos fazem-se necessários para poder compreender, de fato, em que momento docente ocorre o processo (auto)formativo. Normalmente, são momentos considerados de decisão, de encruzilhadas, de insegurança, que requerem uma reflexão efetiva sobre ação. Assim descreve Josso (2014, p. 67): "- sentiu-se obrigado a – uma reorientação na sua maneira de se comportar, e/ou na maneira de pensar" a partir dessa inquietação emocional, e através de situações de instabilidade, de confronto pessoal, que provocaram um repensar sobre a sua prática docente.

O educador prepara-se para encará-las sabendo que podem ou não ser profundas, mas que vão dar descontinuidade ao passado, a exemplo da fala da Educadora V: "... aproveitar o que a gente erra e melhorar, possibilitar que o aluno acredite que é possível aprender". A perda, no caso da informação verbal da participante, relaciona-se aos erros que se cometem ao longo da trajetória docente. Revê-los é um momento de aprendizado (processo (auto)formativo).

Nesse contexto, para as educadoras, as experiências estão intimamente ligadas às emoções e essa se dá a partir da reflexão sobre sua prática docente no cotidiano, que vão transformando-se em processo (auto)formativo.

[1] Termo usado por Gaston Pineau (2014), que é a ação do outro sobre a formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Maria Helena Câmara Bastos. Memórias de professoras: reflexãosobre uma proposta; In: CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Santos. **Práticas de memória docente.** São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção cultura, memória e currículo, v. 3).

CATANI, Denice Barbara. A autobiografia como saber e a educação como invenção de si. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções:** a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006. p. 77-87.

DOMINICÉ. Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, Antonio. FINGER, Mattias. **O método (auto)biográfico e a formação.** 2. ed. Natal, RN: EDUFRN,2014.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

JOSSO. Marie-Chirstine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2010.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: perspectivas e procedimentos.** Campinas, São Paulo, Pontes, 2003.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida. In: NÓVOA, Antonio. FINGER, Mattias. **O método (auto)biográfico e a formação.** 2. ed. Natal, RN: EDUFRN,2014.

RICOUER, Paul. O si mesmo como um outro. Campinas :Papirus,1991

SAVELI. Esméria de Lourdes. Narrativas autobiográficas de professores: um caminho para a compreensão do processo de formação. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 94-105, jan./jun. 2006.